

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Luciano Souza da Silva

**O LEGADO DO POPULISMO: PROCESSO HISTÓRICO E EVOLUÇÃO DE UM APELO  
DOMINADOR EM NOSSA SOCIEDADE POLÍTICA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientador: Leonardo Silva Andrada

Juiz de Fora  
2023

## **DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, **LUCIANO SOUZA DA SILVA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201972062A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O LEGADO DO POPULISMO: PROCESSO HISTÓRICO E EVOLUÇÃO DE UM APELO DOMINADOR EM NOSSA SOCIEDADE POLÍTICA**, desenvolvido durante o período de 29 de Setembro de 2022 a 11 de Janeiro de 2023, sob a orientação de LEONARDO SILVA ANDRADA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 29 de Setembro de 2022.

---

**LUCIANO SOUZA DA SILVA**

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

# O LEGADO DO POPULISMO: PROCESSO HISTÓRICO E EVOLUÇÃO DE UM APELO DOMINADOR EM NOSSA SOCIEDADE POLÍTICA

Luciano Souza da Silva

## RESUMO

Quando estudamos sobre a política, suas formas tradicionais de dominação e seus efeitos para a população, no caso brasileiro, faz-se necessário levar em conta os períodos em que o país viveu forte apelo dominador, com características hegemônicas inerentes a uma forte ideologia pautada na burguesia. Este é característico do contexto populista, vivido pelos brasileiros na chamada Era Vargas, período compreendido entre 1930 a 1954 e que, nesta pesquisa busca-se traçar um paralelo acerca dos legados que esta política trouxe para a nossa sociedade atual e compreender que a mesma se tornou viável neste contexto de profundas mudanças estruturais nos eixos que são base da sociedade, principalmente economia e política. Ademais, mostrar como os governos atuais utilizaram este apelo dominador em seus mandatos e os efeitos que esta maneira de governar tem na nossa sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Política. Populismo. Governo.

## ABSTRACT

When we study politics, its traditional forms of domination and its effects on the population, in the Brazilian case, it is necessary to take into account the periods in which the country experienced a strong dominating appeal, with hegemonic characteristics inherent to a strong ideology based on the bourgeoisie. This is characteristic of the populist context, experienced by Brazilians in the so-called Vargas Era, a period between 1930 and 1954 and which, in this research, seeks to draw a parallel about the legacies that this policy brought to our current society and understand that it made it viable in this context of profound structural changes in the axes that are the basis of society, mainly economics and politics. In addition, to show how current governments used this domineering appeal in their mandates and the effects that this way of governing has on our society.

**KEY WORDS:** Politics, Populism, Government

## INTRODUÇÃO

No início dos anos 2000, houve o surgimento de inúmeros livros e artigos acadêmicos sobre o fenômeno populista. Para Rovira Kaltwasser et al. Essa produção intelectualmente exarcebada seria resultado dos novos eventos políticos que trouxe o populismo para o centro da discussão política e teórica. Para estes autores, o surgimento de novos fenômenos políticos que têm sido caracterizados como populistas teria levado à realização de pesquisas e debates que vão desde análise de casos nacionais até estudos de especialistas em política comparada, passando por investigações de teóricos políticos e de historiadores das ideias. Os desenvolvimentos desses trabalhos teriam permitido avançar em novas ideias sobre o populismo e consolidar uma literatura especializada sobre o tema.

No entanto, ainda existem divergências e desacordos importantes sobre o real significado do populismo. Como afirma Cas Mudde, da mesma forma que outros conceitos das Ciências Sociais, o populismo é sem dúvida um “conceito essencialmente contestado”, já que alguns especialistas questionam inclusive sua utilidade do ponto de vista analítico. Ao longo do tempo, e a partir de diferentes perspectivas teóricas e políticas, o populismo tem sido definido como uma ideologia, um movimento, uma estratégia, um estilo, um fenômeno, um discurso ou até mesmo uma síndrome. A complexidade do debate não é consequência exclusivamente das diferentes abordagens teóricas e metodológicas, que incluem estudos de Ciência Política, Sociologia, Economia e História, entre outras disciplinas, mas também da falta de consensos sobre como entender o populismo e sobre suas implicações com relação à democracia e à própria política.

Este artigo pretende apresentar um percurso do fenômeno populista, sinalizando o processo histórico e intelectual que transformou o conceito em uma definição tão relevante para o debate político contemporâneo. Para além de uma noção reivindicada de maneira recorrente na mídia e nas diversas arenas de debate público do nosso tempo, “populismo” é um conceito político em disputa, dotado da mais absoluta relevância e que traz em si uma trajetória rica, disputada e bastante complexa. A estratégia de exposição aqui adotada visa discutir o populismo em duas dimensões: primeiramente, na dimensão histórica do conceito e, na sequência, por meio de uma análise das principais abordagens teóricas contemporâneas discutidas pela bibliografia especializada. Isso significa dizer que começaremos atravessando, a partir de uma ampla revisão bibliográfica, os momentos que constituíram a história do conceito, tendo como ponto de partida meados do século XX, quando o termo “populista” era uma

denominação muito específica dedicada a movimentos inseridos em processos políticos localizados no século XIX, até chegar no século XXI, quando o conceito se tornou central da Ciência Política e lugar-comum dos analistas políticos da mídia. Proponho conhecer esse percurso para que possamos acessar a dimensão histórica e conceitual que acaba por delimitar e estabelecer as constituições de categorias utilizadas na intervenção pública de ideias.

## O falso retorno do populismo

Como resultado de publicações recentes com a finalidade de analisar o surgimento e o desenvolvimento do populismo em escala global, transformou-se lugar comum reconhecê-lo como o “termo da moda”. De fato, como afirmam alguns autores (MOUFFE, 2020; MOUNK, 2019), vivemos um “momento populista”, com motivos, provavelmente nunca antes percebidos pelas Ciências Sociais, mas também pela diversidade ideológica dessas experiências, assim como — e talvez o mais surpreendente — pelos locais onde o populismo conseguiu importantes êxitos.

Nesse sentido, quem diria, pouco tempo antes de 2016, que Donald Trump seria eleito presidente dos Estados Unidos e o Brexit seria a decisão do povo inglês? Ademais: ninguém acreditou que Levitsky e Ziblatt (2018, p. 13), escreveriam o “Como as Democracias Morrem” preocupados não somente com o avanço do populismo no mundo, porém, com a questão que introduz a obra: “A democracia norte-americana está em perigo?”

Fica claro então que “os fatos” trouxeram de volta este termo — o populismo — há muito esquecido, pois desacreditado, pela corrente principal das Ciências Sociais. Entretanto, não se trata de um retorno triunfal, de um renascimento de uma categoria que subitamente se tornou cientificamente explicativa. O retorno do populismo e o seu posicionamento inserido no debate político mundial vem juntamente dos mesmos preconceitos e pelo pouco entendimento que já o relegaram ao umbral do debate acadêmico.

Assim, nomes como Trump, Erdogan, Orbán, Maduro, Lula e Bolsonaro são associados ao populismo e o termo, ao invés de ser capaz de explicar a especificidade de cada uma dessas experiências, é tratado como um adjetivo. Basicamente: o que deveria “explicar” serve simplesmente para qualificar negativamente, o que nos remete e nos faz refletir o retorno do populismo como categoria analítica e como este retorno trata-se de um falso retorno.

Mesmo que as primeiras análises sobre o populismo tenham sido falhas em apreender essencialmente o fenômeno, elas buscaram analisá-lo a partir de critérios científicos. Tomando uma divisão bem conhecida, elaborada por Francisco Panizza (2005) sobre o que poderíamos chamar de as diferentes aproximações do populismo, ficou claro que as tentativas de separar o termo a partir de eventos históricos ou tipológicos foram aplicações incapazes de compreendê-lo. Dessa forma, o populismo tornou-se impreciso em um âmbito acadêmico, porém passou a ser também usado de forma ampla pelo mundo político como forma de acusação ou ainda para desqualificar adversários ou inimigos.

Assim, o comeback do populismo, pelo menos entre os cientistas políticos da principal corrente de 2016 em diante, não pode ser considerado como uma nova fase na compreensão do termo, mas pelo contrário; para eles, o populismo é empregado de forma displicente e ofensiva. Vejamos, nesta seção, alguns exemplos retirados de verdadeiros best sellers da atual crise das democracias liberais, iniciando pelo de Levitsky e Ziblatt (2018, p. 33):

Populistas são políticos antiestablishment — figuras que, afirmando representar a “voz do povo”, entram em guerra contra o que descrevem como uma elite corrupta e conspiradora. Populistas tendem a negar a legitimidade dos partidos estabelecidos, atacando-os como antidemocráticos e mesmo antipatrióticos. Eles dizem aos eleitores que o sistema não é uma democracia de verdade, mas algo que foi sequestrado, corrompido ou fraudulentamente manipulado pela elite. E prometem sepultar essa elite e devolver o poder “ao povo”. Esse discurso deve ser levado a sério.

Com certeza. É preciso levar a sério a compreensão de Levitsky e Ziblatt (2018) sobre o fenômeno populista. É importante afirmar, primeiramente, que esse entendimento está em concordância com outros autores liberais especialistas no fenômeno. Tal qualificação liberal incita que o populismo se estabelece a partir do antagonismo entre os políticos populistas e o establishment político, momento em que os primeiros deslegitimam as instituições liberal-democráticas, negando assim a democracia liberal como uma democracia de verdade.

Como alternativa política, os populistas prometem trazer de volta o poder ao povo. Sequencialmente a uma caracterização deste tipo, o próximo passo consiste em apontar quem são os populistas que ameaçam as instituições liberais. Neste momento, autores como Levitsky e Ziblatt associam o populismo ao autoritarismo, concluindo que líderes populistas são tipos sempre autoritários.

No passo seguinte, oferecem aos seus leitores uma lista de nomes bem conhecidos de populistas autoritários contemporâneos, Erdogan, Orbán, Trump, Bolsonaro etc, que fornecem o suposto amparo empírico “incontestável” ao argumento liberal.

A conclusão é evidente: são estes líderes autoritários que, na verdade, enfraquecem as democracias liberais, consideradas, pelos autores liberais, as únicas democracias possíveis. Note-se, portanto, que o que está em disputa entre os populistas e os seus críticos é a própria concepção de democracia. De um lado, os populistas afirmam que o regime deve ser regido diretamente pelo povo; do outro lado, os liberais prendem-se a um realismo político incapaz de imaginar uma democracia mais inclusiva.

## **O Neopopulismo**

Num retrospecto histórico-conceitual acerca do populismo na América Latina, estudos revelam inconsonância em relação ao seu significado. Por exemplo, Weffort (1978) aponta o populismo como uma doutrina da pequena burguesia. Já para Saes (1976), o populismo é visto como a ideologia das camadas médias urbanas. Outros estudiosos têm pesquisado o populismo em termos de conjuntura social, aptidão social e superestrutura ideológica. Também vem sendo marcado como um movimento político, como uma patologia, como um enfrentamento às crises do desenvolvimento e como sinônimo de nacionalismo. Igualmente, o termo “populismo” tem sido aplicado a um conjunto diverso de situações contextuais, a partir de múltiplas perspectivas teóricas: a perspectiva histórico-sociológica, a perspectiva econômica, a perspectiva ideológica e a perspectiva política. Nas duas últimas décadas, o neopopulismo tem sido associado a líderes populares que deixam o Legislativo em um segundo plano, lançando mão de medidas provisórias e decretos-leis para governar.

Um fator de discordância entre as várias correntes teóricas que estudam esse fenômeno político é o papel que as massas desempenham dentro desse movimento. Por um lado, de acordo com Debert (1979), o termo “populismo”, tanto na linguagem popular como em análises científicas, é utilizado para expressar o fenômeno da emergência de classes populares na vida política. Por outro lado, Smith (1978) argumenta que o ingresso das massas na vida política durante o período populista era meramente instrumental. A divergência de interpretações com relação ao papel das massas no cenário político levou o Estado populista brasileiro, a criar um mecanismo simultâneo de integração e manipulação da classe operária. Essa ambiguidade, não deve, no entanto, ser considerada como uma anomalia, mas como uma essência e, ao mesmo tempo, a contradição fundamental do populismo.

Dos argumentos acima citados deduz-se que o populismo, como forma de governo, caracteriza-se muito mais pelo seu caráter manipulativo, no qual a ingerência “efetiva” das massas no processo decisório do Estado está, na prática, sempre fora de consideração, ou tem um caráter puramente simbólico e manipulativo. Nas condições atuais, o neopopulismo trabalha com um clientelismo de massas via políticas públicas de caráter assistencialista. O apoio da população continua a se centrar nos chamados setores subalternos e/ou nas classes populares. Tal distinção visa demonstrar uma diferença de caráter estrutural entre populismo e neopopulismo. Está além dos objetivos deste artigo polemizar tal diferenciação conceitual, mas acreditamos que a mudança de nomenclatura retórica não retrata o que realmente ocorre em nossos países; ou seja, as classes ou setores subalternos continuam a ser os mesmos que historicamente foram excluídos das políticas públicas e se constituem em massa de manobra de líderes que buscam o poder político.

Ao contrário do que ocorreu na Europa e nos Estados Unidos, comenta Di Tella (1974), na América Latina não se produziram movimentos de mudança social com base nas classes médias através de um partido liberal, ou por um movimento operário com base em sindicato, mas surgiu uma variedade de movimentos políticos que, na ausência de um melhor termo, foi denominada “populismo”.

Um dos elementos que favoreceram a emergência de movimentos populistas nessas nações foram as precárias condições estruturais, de ordem econômico-social. Os líderes populistas capitalizaram, habilmente, as crises econômicas, desenvolvendo um discurso político que “sensibilizava” as massas, empregando, inclusive, alguns dos símbolos e retóricas usados pelos fascistas durante os anos 1930.

Desse modo, o fazer prático político do neopopulismo se guia na sua essência, através das regras tradicionais de dominação político-econômica. Essa diligência bloqueia o acesso de novos grupos e das massas ao poder. Por essa razão, pode-se dizer que o populismo e o neopopulismo são movimentos sem “núcleo duro”

em nenhuma parte específica da hierarquia social, mas dependem, para montar seu alicerce político, do apoio da maioria dos setores das mais variadas classes, sendo a classe popular urbana atualmente sua medula espinhal.

Excetuando estas características, outros coeficientes podem ser apontados como vitais para que o neopopulismo surja com muita força na virada do milênio. Um deles foi a inabilidade (ou não vontade) dos partidos tradicionais de se adaptarem a uma nova realidade econômica em erguimento. Outro elemento essencial, e consequente do anterior, foi a eventualidade de novos grupos relevantes na sociedade que buscavam seu espaço político-econômico.

Isto posto, constata-se que os movimentos neopopulistas, via de regra, superestimam a sua capacidade de coalizão e acomodação dos interesses contrários. No passo em que procuram atender todo e qualquer tipo de tensão social e política, acabam por criar um governo com posicionamentos políticos mistos e limitados, principalmente pela seu intuito exagerado de tentar resolver desavenças de natureza histórica, através de uma política de validismo e empreguismo.

Neste interim, constata-se que as mudanças políticas estruturais não têm ocorrido como se era esperado das novas democracias, na medida em que governos populares de “esquerda”, têm continuado a usar de ferramentas neoliberais quando no poder.

O que se pode constatar é que, na medida em que os movimentos neopopulistas modernos se popularizam, as motivações e metas das classes em desenvolvimento de conseguir uma mobilidade social súbita não se materializam.

Configura-se, nesse contexto, um problema histórico das sociedades sob esse efeito, qual seja a incapacidade real de conciliar o processo de crescimento econômico com uma distribuição de renda mais adequada, capaz de satisfazer às reivindicações de grupos emergentes.

A habilidade dos líderes neopopulistas de cooptar grupos politicamente “ameaçadores” tira toda e qualquer possibilidade de sucesso de organizações secundárias para se organizar. Assim sendo, o líder neopopulista se transformou (e se transforma) num agente de organização das massas em detrimento de outras organizações, tais como os partidos políticos.

Leis (2008), por exemplo, na sua comparação entre o antigo populismo e o neopopulismo contemporâneo, argumenta que o primeiro não prejudicava a democracia com seu fracasso, enquanto o populismo na sua versão “neo” afeta negativamente as democracias. Segundo o autor, as promessas de solução imediata dos problemas do país implicam, quando da chegada do populismo ao governo, uma violência contra o sistema institucional estabelecido. Acrescenta ainda que a América do Sul registra uma presença cada vez mais forte do populismo e um consequente retrocesso político.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Portanto, vemos que a presença de um líder é essencial no neopopulismo, no passo em que dá aval a uma identificação dos cidadãos com as suas emoções. Todos os símbolos que põem-se ativos com o neopopulismo estão incorporados no líder. A figura cativante é a forma que assume a liderança na sociedades onde quer-se implementar a lucidez à vida social, menosprezando peças-chave da própria cultura.

Trata-se de uma relação política feita sob medida que não é mediada por nenhuma instituição. O que traz um discurso fragmentado, incoeso, incoerente, entretanto apela às emoções de uma população desacreditada das instituições políticas.

Nesse contexto, o discurso populista desempenha uma influência categórica no desprezo que os cidadãos mostram pelas instituições governamentais. (Habermas, 1984, p. 86)

Logo, faz-se necessário, reforçar a equidade através da proteção aos setores mais vulneráveis; educação, saúde, moradia, espaço público, cultura e emprego.

Torna-se imperativo, também, uma duradoura e paciente obra de reestruturação e conversão interna da política. Este afazer é inadiável e inseparável da auto-educação das pessoas e da consequente reforma das instituições.

Os neopopulistas proficientemente capitalizam esses modos políticos de agir em favor da estabilização dos seus movimentos programas de ação governamental, posto que as predisposições hostis contra os grupos dominantes colocam as classes menos favorecidas em solicitude política aos líderes “carismáticos neopopulistas”, que usam da oratória como sua arma mais poderosa de instigação.

Se aceito, pelo menos em parte, esta argumentação, pode-se concluir que o legado populista não foi a implantação de governos democráticos partidários, mas um novo modelo de neopopulismo encabeçado pela capacidade de os líderes atuais captarem os recursos do Estado para manterem-se no poder.

## REFERENCIAS

- ARDITI, Benjamin. **Populism as na internal periphery of democratic politics**. In: PANIZZA, Francisco (ed.). **Populism and the mirror of democracy**. London: Verso, 2005. P. 72-98.
- CANOVAN, Margaret. **Trust the people!** *Populism and the two faces of democracy*. Political Studies, Thousand Oaks, CA, v. 47, n. 1, p. 2-16, 1999.
- DEBERT, Guitta. **Ideologia e populismo**. São Paulo: Tao, 1979.
- DE CLEEN, Benjamin; STAVRAKAKIS, Yannis. **Distinctions and articulations: a discourse theoretical framework for the study of populism and nationalism**. *Javnost*, [s. l.], v. 24, n. 4, p. 301-319. 2017.
- DEMIER, Felipe Abranches. **O longo bonapartismo brasileiro (1930-1964): autonomização relativa do Estado, populismo, historiografia e movimento operário**. Niterói: [s.n.], 2012. 506 p.
- DI TELLA, Torcuato. **Para uma política latino-americana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo Brasileiro: de Reagan a Bolsonaro**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2019. 228 p.
- LEIS, Hector. **Populismo e democracia liberal na América do Sul**. *Revista Debates UFRGS*, v. 2, n.2, p. 25-47, 2008
- LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem?** Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- LINZ, Juan. **Um regime autoritário: Espanha**. In: CARDOSO, Fernando Henrique; MARTINS, Carlos Estevam (org.). **Política & sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979. P. 318-334.
- MENDONÇA, Daniel de. **A noção de antagonismo na ciência política contemporânea: uma análise a partir da perspectiva da teoria do discurso**. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 20, p.135-145. Jun. 2003.
- MOUFFE, Chantal. **Por um populismo de esquerda**. São Paulo, Autonomia Literária, 2020.
- MOUNK, Yascha. **O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MUDDE, Cas. **The populist Zeigeist**. *Government and Opposition*, London, v. 39, n. 4, p. 541-563, 2004.
- MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **Populism: a very short introduction**. Oxford/New York: Oxford University Press, 2017.
- PANIZZA, Francisco. **Populism and the Mirror of Democracy**. Phronesis. Verso Books, London, UK, pp. 1-31. 2005.
- PRADO, Marco Aurélio Máximo; MARQUES, Angela Cristina Salgueiro. **O povo como categoria política no pensamento de Jacques Rancière e Ernesto Laclau**. *Mediações*, Londrina, v. 26, n. 1, p. 28-49, jan/abr. 2021.
- SAES, Décio. **Industrialização, populismo e classe média no Brasil**. *Caderno do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas UNICAMP*, n. 1, 1976.

WEFFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.